

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

**Filosofia Política,
Educação, Direito e
Sociedade 7**



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 7

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 7 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-100-8

DOI 10.22533/at.ed.008190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR E A IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS PALIATIVOS	
Bárbara Alves de Jesus	
Fernanda Duarte Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0081904021	
CAPÍTULO 2	8
O ESPAÇO RESERVADO AO LÚDICO NA ROTINA DE TRABALHOS EM UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL	
Fabiana Aparecida Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.0081904022	
CAPÍTULO 3	16
PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA EM MOVIMENTO: PRÁTICAS INCLUSIVAS NA UFG/RC	
Thais Ferreira dos Santos	
Aline Rosa da Costa	
Thimoteo Pereira Cruz	
Nubia de Fatima Felix Ferreira	
Tacila da Costa Marinho	
Isabella Oliveira Pacheco	
Nayane Alves Pereira	
Laryssa Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.0081904023	
CAPÍTULO 4	25
FORMAÇÃO CONTINUADA EM ONTOPSICOLOGIA: SIGNIFICADOS E SENTIDOS	
Carmen Ivanete D`Agostini Spanhol	
DOI 10.22533/at.ed.0081904025	
CAPÍTULO 5	37
JUVENTUDE, CULTURA MIDIÁTICA E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI	
Luiz Fernando Ribeiro de Paiva	
José Carlos Souza Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.0081904025	
CAPÍTULO 6	44
A PERSISTÊNCIA DOS CAMPONESES NA PROPRIEDADE RURAL: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE RIBEIRÃO EM CATALÃO (GO)	
Matheus Santos Medeiros	
Hugo Henrique Sousa de Lisboa	
João Manoel Borges de Oliveira	
Mariana Melo Mesquita de Siqueira	
Rener Rodrigo Pires	
Talita Neri Caetano de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0081904026	

CAPÍTULO 7	52
O ENSINO EM MATO GROSSO SEGUNDO O OLHAR DO PRESIDENTE DE ESTADO DOM AQUINO CORREA	
Emilene Fontes de Oliveira Thalita Pavani Vargas de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.0081904027	
CAPÍTULO 8	63
REDESCOBRINDO O HUMANO: ANTAGONISMOS COLETIVOS E A BUSCA PELA EMANCIPAÇÃO	
Gisele da Silva Rezende da Rosa Josiane Custódio de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0081904028	
CAPÍTULO 9	68
TRADUÇÃO E EQUIVALÊNCIA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE O DISCURSO ORIGINAL DE DONALD TRUMP E SUA RESPECTIVA TRADUÇÃO	
Maria Laura Golfiere Moura Leila Maria Gumushian Felipini	
DOI 10.22533/at.ed.0081904029	
CAPÍTULO 10	84
REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS	
Paula Santana Carvalho Adriana Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.00819040210	
CAPÍTULO 11	97
REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E CINEMA E BREVE DISCUSSÃO SOBRE A PERSONAGEM FEMININA	
Carla Rosane da Silva Tavares Alves Andréia Mainardi Contri	
DOI 10.22533/at.ed.00819040211	
CAPÍTULO 12	109
SABERES E PRÁTICAS EM PROCESSOS FORMATIVOS DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO POPULAR	
Lucinete Gadelha da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.00819040212	
CAPÍTULO 13	119
REALIZANDO PESQUISAS COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS: CENAS DO PROTAGONISMO INFANTIL	
Viviane dos Reis Silva Tacyana Karla Gomes Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.00819040213	

CAPÍTULO 14	128
PRIMEIRAS LIÇÕES DE CULTURA E CIDADANIA NO <i>SEGUNDO LIVRO DE LEITURA PARA A INFÂNCIA</i> : NA ESCOLA E NO LAR, DE THOMAZ GALHARDO	
Valdeci Rezende Borges Elmar Severino Ribeiro Junior	
DOI 10.22533/at.ed.00819040214	
CAPÍTULO 15	144
PESQUISAS COM CRIANÇAS EM CONTEXTOS RURAIS: VISIBILIDADES, APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E REFLEXÕES	
Patrícia Júlia Souza Coêlho	
DOI 10.22533/at.ed.00819040215	
CAPÍTULO 16	154
OS MANUAIS DE CIVILIDADE NO JORNAL, <i>O PUBLICADOR</i> (1862-1886)	
Carolina Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.00819040216	
CAPÍTULO 17	164
UM ESTUDO SOBRE A DEMANDA DO CURSO TÉCNICO EM PESCA DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ, CAMPUS ACARAÚ, NA VISÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA 3ª ETAPA DO ENSINO MÉDIO	
Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.00819040217	
CAPÍTULO 18	177
OS VALORES SOCIAIS E O ENSINO SUPERIOR NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO	
Herika Paiva Pontes Luana de Sousa Oliveira Rafaela Lima Nascimento Maria Helena de Agrela Gonçalves Jardim Geraldo Bezerra da Silva Júnior Mirna Albuquerque Frota	
DOI 10.22533/at.ed.00819040218	
CAPÍTULO 19	184
POLÍTICAS PÚBLICAS, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E CAMPESINATO: DA COLÔNIA AGRÍCOLA AO IF GOIANO <i>CAMPUS CERES</i>	
Marco Antônio de Carvalho Claudecir Gonçalves Léia Adriana da Silva Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.00819040219	
CAPÍTULO 20	198
POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE – A NORMA GERAL DE AÇÃO (NGA) DO COLÉGIO MILITAR DE CAMPO GRANDE (CMCG) – MS	
Ferdinanda Dias de Oliveira Kloppel	
DOI 10.22533/at.ed.00819040220	

CAPÍTULO 21 210

EMPRESA: OPORTUNIDADE PARA O JOVEM FAZER, SABER E SER -A PEDAGOGIA DA AÇÃO: DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E PRÁTICO

[Bernardina Teresinha Amantino](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040221

CAPÍTULO 22 214

PERFIL DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL II E A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOCENTE

[Carla Geovana Fonseca da Silva de Castro](#)

[Luciane Helena Mendes de Miranda](#)

[Vera Maria Nigro de Souza Placco](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040222

CAPÍTULO 23 226

PERFIL DE PRODUTORES AGRÍCOLAS E EDUCAÇÃO ORÇAMENTÁRIA: CONSIDERAÇÕES PARA PARTICIPANTES DE FEIRA AGROECOLÓGICA, ASSISTIDOS PELA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE BASE – CRATO – CE

[Valéria Feitosa Pinheiro](#)

[Guilherme Silva Nascimento](#)

[Christiane Luci Bezerra Alves](#)

[José Alex do Nascimento Bento](#)

[Adriana Correia Lima Franca](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040223

CAPÍTULO 24 238

A CATEGORIA TRABALHO EM TEMPOS DE CRISE DO CAPITAL

[Ingridy Lammonikelly da Silva Lima](#)

[Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida](#)

[José Rangel de Paiva Neto](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040224

CAPÍTULO 25 249

A COMISSÃO DE SANEAMENTO E PROFILAXIA RURAL DA PARAÍBA: OS LIMITES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO

[Silvera Vieira de Araújo Holanda](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040225

CAPÍTULO 26 261

TERRITÓRIOS MULTIDIMENSIONAIS: INTELIGENCIA CULTURAL E EDUCAÇÃO SOCIAL EM COMUNIDADES FAXINALENSES DO PARANÁ

[Tiago Augusto Barbosa](#)

[Franciele Moreto](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040226

CAPÍTULO 27 270

RESULTADO DO PISA NO PIAUÍ: O QUE MUDA NA GESTÃO EDUCACIONAL?

[Nemone de Sousa Pessoa](#)

[Jovina da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.00819040227

CAPÍTULO 28 284

A CIDADE NOS FAZ PENSAR

Daniela da Rosa Molinari

Marcele Scapin Rogério

DOI 10.22533/at.ed.00819040228

CAPÍTULO 29 295

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E ESTUDOS DE GÊNERO

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Karla Cristina Vicentini de Araujo

Viviane Oliveira Augusto

Gabriella Rossetti Ferreira

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.00819040229

SOBRE A ORGANIZADORA..... 304

TRADUÇÃO E EQUIVALÊNCIA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE O DISCURSO ORIGINAL DE DONALD TRUMP E SUA RESPECTIVA TRADUÇÃO

Maria Laura Golfiere Moura

Graduanda no curso de Letras – Tradutor da Universidade do Sagrado Coração.

Bauru – São Paulo

Leila Maria Gumushian Felipini

Doutora em Ciências pela Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB-USP). Professora na graduação nos cursos Letras – Tradutor e Letras – Português e Inglês da Universidade do Sagrado Coração.

Bauru – São Paulo

RESUMO: O presente estudo visou comparar o primeiro discurso de Donald Trump, como presidente dos Estados Unidos, e sua respectiva tradução, analisando o nível de equivalência entre o conteúdo do texto de partida e o do texto de chegada. O discurso original foi publicado no site americano New York Times e sua tradução no jornal brasileiro Folha de São Paulo pelo site Uol. Verificamos, a partir de uma análise contrastiva, no nível lexical, se as escolhas tradutórias podem ser consideradas equivalentes ou não aos termos do texto de partida, o que poderia demonstrar imparcialidade do meio de comunicação que publicou a tradução. Este estudo se apoiou em dois eixos, sendo o primeiro referente à tradução e o segundo referente à Análise do Discurso. Foi possível verificar a intenção do

tradutor de domesticar o texto, o que interferiu na manutenção do conteúdo do texto de partida e, conseqüentemente, na recepção do texto de chegada. Acreditamos que alguns trechos não são equivalentes, o que prejudica a compreensão do leitor brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Análise do Discurso. Análise contrastiva. Equivalência funcional.

ABSTRACT: This paper aimed to compare Donald Trump's first speech as the President of the United States and its translation in order to analyze the level of equivalence between the content of the source text and the target text. The source text is Donald Trump's first inaugural speech as an elected President, which was published on the New York Times website and its translation was published by a Brazilian newspaper, Folha de São Paulo, on the website Uol. Thus, we verified through a contrastive analysis, at the lexical level, if the translation choices can be considered as equivalents or not to the source text, which could demonstrate impartiality of the medium that published the translation. We verified the translator intention was to domesticate the text, which interfered in the maintenance of the contents of the source text and, consequently, in the reception of the target text. As a result, we believe that some excerpts are not equivalent to the source text,

which impairs the Brazilian reader's understanding.

KEYWORDS: Translation. Discourse Analysis. Contrastive analysis. Functional Equivalence.

1 | INTRODUÇÃO

O conteúdo jornalístico é variado e engloba gêneros informativos, opinativos, utilitários ou prestadores de serviço, ilustrativos ou visuais, propaganda e entretenimento (MELO, 1985). Os gêneros são determinados pelo estilo e este depende da relação dialógica existente entre o jornalista e o seu público, ou seja, o jornalista precisa apreender os modos de expressão (linguagem) e as expectativas de determinado público (temática).

A escolha do texto de partida (TP), o discurso inicial do recém-eleito Presidente Donald Trump, justifica-se pela sua importância para o mundo e pelo fato de haver diferença entre a função dele e de sua respectiva tradução. A função do texto de chegada (TC), neste caso, é informar o leitor brasileiro quanto ao conteúdo e tom do Presidente americano enquanto que a função do TP (discurso original) é reagrupar uma nação que se encontrava dividida após um processo eleitoral longo e árduo, persuadindo-os a se reunirem para apoiar o novo governo.

Para Orlandi (1999), os sentidos resultam das relações de força (maior poder) nas quais estamos inseridos. Com a hierarquização da sociedade, essa força é sustentada pelo poder dos diversos lugares em que diferentes sujeitos estão inseridos, o que se faz valer na comunicação. Conscientemente ou não, o sujeito expressa o que é o que sabe, o que acredita bem como aquilo que segue, caracterizando o seu texto ou aquilo que fala.

Considerando o exposto acima, tivemos como objetivo geral verificar, por meio de uma análise contrastiva, o nível de equivalência entre o TP e o texto de chegada. Sendo nossos objetivos específicos comparar o conteúdo dos textos, identificar as escolhas tradutórias que pudessem demonstrar não equivalência e discutir as interferências causadas por tais escolhas.

Para tanto, nos apoiamos em dois eixos, sendo o primeiro referente à tradução e o segundo referente à AD. O primeiro eixo tem como base a visão de equivalência funcional de Nord (1991), além de conceitos relacionados a aspectos lexicais de Baker (1993) e outras teorias da tradução. O segundo eixo tem como base teorias da AD de autores variados, como Fiorin (1990) e Orlandi (2003).

Lefevere (1992) acreditava que qualquer ato de reescrita, seja na forma de crítica, de resenha ou de tradução, representa uma forma de adaptação de uma obra para um determinado público (receptores diferentes), como também é por meio da reescrita que um texto se estabelece no interior de polissistemas literários.

Quando o processo de tradução ocorre, então, há a acomodação daquilo que é estrangeiro para as normas da língua e cultura-alvo. Os “reescritores” manipulam

os textos originais de acordo com as ideologias que seguem ou com as que estão presentes naquele momento histórico, logo o processo de reescrita é modelado, de alguma forma, pela estrutura de valores da sociedade em que vivem, ainda que esses valores passem despercebidos. As traduções, portanto, como qualquer processo de reescrita, constituem “manipulações ideologicamente comprometidas”, segundo Oliveira (2002, p. 3).

Venuti ([1998], 2002, p. 5) alega que o ato de colocar o texto traduzido a serviço de uma cultura pode causar assimetrias, revelar injustiças, iluminar relações de dominação e de dependência, tornando-o um “escândalo”. O autor discute em seu livro que as escolhas e estratégias adotadas na realização de uma tradução, não somente são capazes de alterar ou consolidar cânones, mas também podem criar uma identidade para uma cultura-fonte em uma cultura-alvo.

Nesse sentido, outro escândalo é revelado, visto que a escolha de certo tipo de estratégia tradutória é capaz de construir valores e práticas distintas referentes ao modelo cultural que rege o contexto-fonte, permitindo que haja uma abertura para a alteridade, para a visualização do outro, ou seja, os valores estrangeiros podem ser inscritos no contexto doméstico.

Uma estratégia tradutória apontada por Venuti (2002) é a estrangeirização, a qual leva o leitor até o texto por meio da estilização das características linguístico-culturais do TP. Neste caso, o contexto do TP é preservado. Entretanto, se a tradução está voltada para a produção de um texto fluente, o que ocorre é uma inserção de valores domésticos no texto estrangeiro, fazendo com que as marcas culturais e linguísticas sejam apagadas. Segundo Venuti (2002), a domesticação visa à facilitação da leitura, já que elimina elementos que possam prejudicar o entendimento do leitor.

A teoria funcionalista de Nord (2005) recomenda que a situação de produção tanto do TP como do TC devem ser levadas em consideração na decisão de qual estratégia tradutória será utilizada. Para tanto, a autora propõe um modelo de análise.

Nord (1991) afirma que a teoria do funcionalismo pode ser aplicada em uma análise comparativa entre o TP e o TC. A autora aponta que se realizada uma boa análise antes da tradução é possível economizar tempo no processo de tradução, diminuindo as dúvidas que possam surgir. Logo, se o tradutor identificar os problemas de tradução e pensar quais podem ser as soluções adequadas, toda vez que esses problemas aparecerem, ele já saberá o que precisa ser feito e ganhará tempo.

Nord (2005) apresenta um modelo cuja finalidade é estabelecer a função do TP dentro da sua cultura, para então, poder fazer uma comparação que encontre a provável função do texto na cultura de chegada, e, assim identificar quais elementos serão mantidos bem como aqueles que necessitarão de adaptação na tradução. O modelo de análise textual de Nord (2005) é dividido em dois eixos, sendo o primeiro referente aos fatores extratextuais (àqueles que podem e devem ser analisados antes da leitura do texto, já que se referem à situação e às condições de produção textual e sua utilização) e o segundo aos intratextuais (diz respeito ao texto em si).

Os fatores extratextuais incluem tanto o produtor quanto o emissor do texto e suas intenções, o receptor, o meio pelo qual o texto é veiculado, o tempo e o local da comunicação, o motivo para a produção do texto e a sua função. Segundo Nord (1991), a intenção do texto não pode ser modificada, uma vez que o conceito de fidelidade defendido no funcionalismo deriva justamente da lealdade do tradutor à intenção do emissor do texto.

Os fatores intratextuais, por sua vez, englobam o estilo, o tema e o conteúdo do texto, além das suas pressuposições (pressupor algo que não foi explicado), hierarquias textuais, macro e microestrutura, elementos não verbais, léxico, estrutural frasal e fonologia.

O funcionalismo contempla a tradução como uma comunicação intercultural, na qual TP e TC pertencem a sistemas culturais cheios de distinções, e por isso suas funções precisam ser analisadas individualmente e de maneira pragmática, sobretudo, considerando a situação de recepção de cada um dos textos (NORD, 2005).

Desta forma, os receptores dos textos de partida e chegada são, sem dúvida, um dos princípios determinantes do escopo da tradução, visto que um texto é um ato comunicativo que só se completará no momento da recepção. “Sob esse aspecto, o tradutor é um produtor de texto que, munido das intenções do produtor de texto da cultura de partida, produz, na cultura de chegada, um novo instrumento comunicativo” (NORD, 1991, p.11). A fim de produzir este novo texto, o tradutor busca por equivalentes no nível lexical, o que pode ser, em alguns momentos do texto, algo desafiador.

No Livro Traduzir com Autonomia, Baker (1993) aborda o uso da estratégia de análise micro textual, com base em problemas de não equivalência lexical e não equivalência gramatical. Sobre equivalência, a autora afirma que: “devemos usá-lo conscientes de que a equivalência em tradução é relativa, sendo influenciada por diversos fatores linguísticos e culturais” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2013, p. 88). Para ela, o léxico, cuja estrutura é composta de palavras, é um dos recursos da língua dos quais os falantes dependem crucialmente para analisar ou relatar a sua experiência de vida. É de suma importância, portanto, ter um conhecimento apurado do léxico do par linguístico com o qual se está trabalhando em tradução.

Segundo Baker (1993), a palavra seria “qualquer sequência de letras com espaço ortográfico de cada lado”. A autora atribui os problemas tradutórios, que podem ser resultantes da não equivalência entre palavras, à ausência de correspondência um a um entre as palavras e os elementos do significado numa mesma língua ou entre línguas.

O registro é uma variedade da língua que o falante considera adequada a uma situação com certa especificidade (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2003). As variações do registro, segundo Alves, Magalhães e Pagano (2003), acontecem no campo, tom e modo de discurso. No que tange o campo de discurso, as diferentes escolhas linguísticas são tomadas por diversos falantes dependendo do tipo de ação, ou seja, as escolhas variam conforme o tipo de discurso do interlocutor. Quanto ao

tom de discurso, a linguagem utilizada varia conforme o tipo de relação interpessoal, por exemplo, entre mãe/filha, médico/paciente, superior/inferior. Obter o “tom” certo numa tradução é por vezes difícil. O modo de discurso define que tipo de papel é desempenhado pela linguagem se é um discurso Político ou um trabalho acadêmico, por exemplo.

Tendo finalizado a exposição da teoria referente à tradução, passamos a descrever estudos sobre a AD, segundo eixo de nosso aporte teórico.

No que se refere às relações entre enunciador e enunciatário, para Fiorin (2005), temos que a finalidade última de todo ato comunicativo não é informar, mas persuadir o enunciatário a aceitar aquilo que está ouvindo. Assim sendo, o ato de comunicar se faz complexo, já que há manipulações com vistas a fazer o enunciatário (ouvinte) crer naquilo que se transmite.

Fiorin(1990, p. 177) defende que:

O discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção de sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos.

Tudo que falamos tem a possibilidade de ser afetado pela língua e pela história, já que os sentidos não estão somente nas palavras e sim na relação com o meio exterior, nas condições em que foram produzidos e que não dependem unicamente das intenções dos sujeitos. Para a AD, a linguagem está materializada na ideologia, e essa, por sua vez, se manifesta na língua, pois não há discurso sem sujeito, nem sujeito que não tenha uma ideologia. Para Orlandi (2003), sujeitos e sentidos não podem estar completamente completos, afirmando que:

A ideologia não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou ocultação da realidade, mas como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história. Por outro lado, é também a ideologia que faz com que haja sujeitos (ORLANDI, 2003, p. 49).

Para Foucault (2004), os discursos não têm espontaneidade, muito menos possuem particularidade, pelo contrário, os termos presentes nos discursos são sempre determinados pelas forças de poder que controlam a práxis humana, estas que na maior parte das vezes possuem uma atividade determinada para um resultado específico, para um determinado fim, como, por exemplo: um falante discorre sobre as metas de seu partido, utilizando determinada ideologia e embasado em estratégias daquilo que segue, tentando convencer a população de que este é o melhor jeito do país crescer.

A AD contribui para a linguística de forma a permitir uma relação menos ingênua com a linguagem (ORLANDI, 2003, p. 9) visto que permite: problematizar as maneiras de ler; levar ao sujeito falante ou o leitor a indagar sobre o que produz e sobre o que

ouve; levar o indivíduo a perceber que pode não estar sujeito à linguagem, a seus equívocos; mostrar que não há neutralidade e conscientizar-se de que ao falar e ter uma determinada ideologia estamos comprometidos com os sentidos e com o político, logo o discurso é o lugar no qual é possível observar a relação entre língua e ideologia.

Segundo Mittmann (2003), o conceito chave para a compreensão do processo tradutório é o de texto, já que é na leitura do texto-fonte que o processo discursivo da tradução tem início. A AD ajuda na compreensão da tradução no sentido de que é na língua que o discurso se materializa, ou seja, a leitura é um espaço, no qual sentidos são formados. Partindo desse ponto, o tradutor produz um novo discurso, que se materializará em um novo texto, o texto traduzido. A autora observa a relação entre os Estudos da Tradução e a AD ao afirmar que: a tradução não pode ser tomada como algo isolado, pois sua produção necessita de outros textos, sejam dicionários, livros, artigos ou até mesmo outras traduções que são materializações de outros discursos.

Para Orlandi (1994), as línguas “se marcam por se historiarem de maneiras distintas. Por essa razão, elas produzem discursos distintos e significam diferentemente” (p. 31). De acordo com Ferreira (2005), “a esse trabalho dos sentidos no texto e à inscrição da história da linguagem é que se dá o nome de historicidade” (p. 17), que constitui a língua e os sentidos.

Mittmann (2003, p. 80) defende que falar do tradutor sob o ponto de vista da AD reflete na abordagem ideológica do mesmo, a qual constitui o tradutor como sujeito por meio de sua relação com a forma-sujeito de uma formação discursiva, ou seja, é a partir da relação entre sujeito tradutor com o sujeito da formação discursiva, que o tradutor: “como sujeito enunciador, assume uma posição-sujeito, que se inscreve em sua formulação, no caso, o texto da tradução”.

A produção de sentidos tanto no processo de leitura do original quanto no da escrita da tradução é determinada a partir dessa relação, mas cada tradução tem sua particularidade e cada tradutor tem o seu estilo, a sua ideologia, seu conhecimento de mundo, que refletem no discurso dele enquanto sujeito tradutor bem como formador de discurso.

Para Pêcheux (2010 apud CONCEIÇÃO; SANTANA, 2018), as escolhas lexicais realizadas no processo tradutório não podem ser ilusoriamente vistas como fruto de uma opção autônoma do sujeito-tradutor, pois tais escolhas são produzidas por um sujeito afetado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente.

2 | METODOLOGIA

Escolhemos como corpus a transcrição do discurso de posse de Donald Trump, atual presidente eleito dos Estados Unidos, publicado no site americano The New York Times, no dia 9 de Novembro de 2016 e sua respectiva tradução que foi feita pelo tradutor Paulo Migliacci e teve a publicação feita pelo site Uol, no dia 9 de Novembro,

às 08h41min.

Em um primeiro momento, preenchemos o modelo de análise pré-translativo de Nord (2005). Após estabelecermos as funções de cada um dos textos, fizemos o cotejo entre o TP e o TC, identificando trechos que causavam certa estranheza quanto ao conteúdo da tradução e analisamos as escolhas do tradutor, classificando-as como equivalentes ou não e discutindo as interferências identificadas. As análises são apresentadas como resultados deste estudo.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise com base no modelo pré-translativo de Nord indicou divergência entre as intenções e os efeitos do texto de chegada e de partida. No que se refere aos aspectos extratextuais, temos Trump como emissor do TP e o tradutor Paulo Migliacci como emissor do texto de chegada, respectivamente, o que explica uma diferença significativa entre as intenções dos dois textos. A intenção do TP é agradecer pelo esforço dos que apoiaram Trump e defender a união dos lados que se opuseram durante a campanha, enquanto que a intenção da tradução é informar a população brasileira sobre o teor do discurso de posse de Trump, sendo os receptores a população americana e a população brasileira, respectivamente.

No que se refere aos aspectos intratextuais, temos Trump tomando posse, momento em que ele agradece, reconhece as situações ocorridas durante a campanha e discorre sobre suas propostas de governo. Pressupõe-se que os leitores estejam cientes dos últimos eventos e da referida eleição de Trump, quem, em seu discurso, apresenta marcas de oralidade e de informalidade. O conteúdo do discurso é composto por frases declarativas afirmativas, frases interrogativas diretas, bem como frases nominais e frases verbais.

O efeito comunicativo pretendido pelo TP é a persuasão dos americanos de maneira a promover a união da nação. Já o efeito pretendido pelo texto de chegada seria informar os brasileiros, mantendo o tom dado por Trump no discurso em inglês.

Assim, podemos apontar que a estrangeirização deveria ser a estratégia utilizada na tradução, uma vez que o público interessado neste tipo de texto busca compreender a realidade política internacional e, para isso, precisa ser levado até o contexto do TP. Diferente da domesticação, que facilitaria o acesso do público brasileiro ao conteúdo do discurso, mas não promoveria a possibilidade do leitor brasileiro se aproximar das reais intenções de Trump. Para Venuti (2002), a domesticação visa à facilitação da leitura, já que elimina elementos que possam prejudicar o entendimento do leitor, reduzindo o texto estrangeiro em detrimento dos valores culturais da língua-alvo.

Orlandi (2016), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em entrevista à Revista Galileu fala sobre as linhas e entrelinhas de Trump. Para a analista do discurso, as frases utilizadas por Trump são curtas e certeiras, as quais ela classifica como “pequenos blocos de informação de fácil apreensão que costumam terminar

com uma palavra impactante” (VAIANO, 2016).

Orlandi (2016) ainda explica não se tratar apenas de uma característica da argumentação dele, mas também da língua. Para a analista do discurso, Trump sabe se aproveitar muito bem da curva melódica do inglês; ele utiliza palavras que ressoam no ouvinte: “Ele quer produzir um efeito. O que interessa não é o que ele está dizendo, mas o efeito que ele produz. Há palavras que ressoam no ouvinte” (VAIANO, 2016).

Logo na abertura de seu discurso, Trump agradece ao público e informa que recebeu uma ligação de Hillary Clinton parabenizando a ele e aos seus eleitores pela vitória. Trump relata ainda ter parabenizado Hillary pela campanha que considera ter sido muito disputada (excerto 01):

TP	<i>She congratulated us — it’s about us — on our victory, and I congratulated her and her family on a very, very hard-fought campaign. I mean, she — she fought very hard.</i>
TC	Ela nos congratulou. Isso é sobre nós. Por nossa vitória, e eu a congratulei, e à sua família, por uma campanha muito, muito disputada. Porque, pessoal, ela batalhou muito.

Quadro 1- Excerto 01

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Podemos identificar o tom informal utilizado por Trump quando o Presidente utiliza a expressão *I mean*, a qual é usada para corrigir algo já dito ou para adicionar mais informações- *used to correct what you have just said or to add more information* (I MEAN, 2018). Neste caso, o termo foi utilizado para adicionar informação. A tradução mais literal para esta expressão seria quero dizer. Entretanto, na tradução, vemos que o tradutor optou por substituir a expressão pela conjunção explicativa **porque** e acrescentar o vocativo **pessoal**. O vocativo é o termo que serve para chamar, invocar ou interpelar um ouvinte real ou hipotético (CEGALLA, 2010). Ao escolher os termos **Porque, pessoal** como tradução para *I mean*, o tradutor passa a interagir com o leitor ao usar o substantivo masculino **pessoal** na função de vocativo, aproximando o enunciador do seu leitor no texto de chegada. Apesar do uso do vocativo não estar presente no TP no excerto sendo analisado, há presença de vocativo em outras partes do texto, como *folks* e *American people*.

No excerto 02, trazemos um exemplo do uso do vocativo *folks*.

TP	Governor Chris Christie, folks , was unbelievable.
TC	O governador Chris Christie, pessoas , foi incrível.

Quadro 2- Excerto 02

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A presença de vocativo no texto de chegada é importante porque demonstra que a linguagem utilizada por Trump estabelece uma relação interpessoal próxima com o seu público. Para Alves, Magalhães e Pagano (2003), o tom é uma das características que compõe as variações de registro. Devendo, portanto, ser considerado pelo tradutor

em suas escolhas léxico-semânticas.

Neste excerto, em específico, apesar da manutenção de uso de vocativo, observamos uma tradução que não se adequa a intenção do TP, alterando o efeito da mensagem. Considerando se tratar de um discurso político, que busca estabelecer empatia com o público, a troca de **folks** por **pessoas** quebra o ritmo do discurso, causando estranhamento na leitura, uma vez que esse termo não costuma ser utilizado como vocativo em português. Além disso, **folks**, *used when talking to a group of people in a friendly way*, é utilizado quando se está falando com um grupo de pessoas de uma maneira amigável, ou seja, o uso do termo **pessoas** não se adequa a intenção pretendida pelo enunciado.

No excerto 03, Trump chama atenção para os serviços prestados ao país pela então candidata derrotada Hillary Clinton:

TP	<i>Hillary has worked very long and very hard over a long period of time, and we owe her a major debt of gratitude for her service to our country.</i>
TC	Hillary trabalhou por muito tempo, com muito afincio, por um longo período, e temos uma dívida de gratidão para com ela por seu serviço ao nosso país.

Quadro 3- Excerto 03

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No excerto de partida temos o verbo **owe** que, segundo o dicionário online Longman, significa: *to feel that you should do something for someone or give someone something, because they have done something for you or given something to you*, ou seja, sentir que deve fazer algo ou dar algo a alguém porque essa pessoa fez algo por você.

A partir do significado que o verbo tem diante de um contexto específico, no caso, no discurso de posse de Trump, na parte em que o então Presidente agradece a sua adversária e, ao mesmo tempo lembra-se que deve algo à Hillary, ao optar por “*temos*” como tradução para **owe**, que significa dever algo a alguém, o significado, no texto de chegada, faz sentido, porém não completa a real significação do verbo **owe** no texto de chegada. A opção do tradutor suaviza a carga semântica do TP. Além disso, podemos observar no excerto de chegada que o tradutor optou pela omissão do adjetivo **major**. O significado de **major** pode ser tanto muito grande ou importante, *very large or important, when compared to other things or people of a similar kind* quanto *having very serious or worrying*. A escolha de omitir o adjetivo **major** é inadequada já que Trump e o povo americano teriam uma grande dívida para com Hillary e não somente uma **dívida** qualquer. Acreditamos que o adjetivo **major** enfatiza que Trump e o povo americano devem muito a Hillary e ao realizar a omissão do adjetivo, o tradutor não considerou a intenção do autor do TP, interferindo na sua mensagem e, consequentemente, alterando o efeito da sua recepção.

Os adjetivos (PASCHOAL DOMINGOS, Cegalla, 2010) são palavras variáveis, já que se flexionam em gênero e número e expressam características dos substantivos.

Assim sendo, podem modificar substantivos, caracterizando-os de forma qualitativa; em seu aspecto ou aparência; o modo ou o estado de ser; a procedência; o espaço ou até mesmo a finalidade de algo ou de alguém. Como podemos observar, adjetivos não devem ser omitidos em traduções, a não ser que a sua carga semântica seja contemplada por outro termo, ou seja, a ausência do adjetivo interfere na compreensão da mensagem trazida pelo texto.

Para Nord (1991), o tradutor deve considerar as intenções do produtor do texto da cultura de partida na produção de um novo instrumento comunicativo na cultura de chegada. As escolhas do tradutor para esse novo instrumento não deveriam causar alteração na sua recepção como aconteceu no excerto analisado.

Justamente por não haver neutralidade na linguagem (ORLANDI, 2003) é que o tradutor deve considerar a todo o momento a intenção do autor do TP.

No excerto 04, Trump convoca o povo americano à união.

TP	<i>Now it's time for America to bind the wounds of division; have to get together.</i>
TC	Agora é hora de os Estados Unidos curarem as feridas da divisão, de promover a união.

Quadro 4- Excerto 04

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No discurso de sua posse, Trump se refere ao seu país como **America**. O nacionalismo é uma característica marcante entre os norte-americanos desde a presidência de Theodore Roosevelt, em 1912, e continua forte até os dias de hoje (LUKACS, 2006). Ao chamar os Estados Unidos de **America**, Trump utiliza um nome comumente utilizado pelo seu público (AMERICA, 2015) e reforça esse pensamento nacionalista que se refere ao país como sendo um continente, a “América”.

Deve-se considerar que há dois tipos de nacionalismo: o megalotímico e o isotímico, sendo o primeiro aquele que considera a sua nação superior às outras e o segundo aquele que considera a nação, no quesito cultural, distinta, mas no que se refere à política, igual às outras nações. A partir de tais conceitos, podemos observar que o nacionalismo presente no discurso de posse de Trump é megalotímico, sendo uma característica própria da população norte-americana.

Bernardo (2006) considera que a profunda convicção dos norte-americanos na excepcionalidade da sua nação, a crença no *American Way of Life* e a ideia de que “todas as nações do mundo se transformariam em pequenos émulos da América se pudessem” marcam os norte-americanos como nacionalistas megalotímicos.

Para Orlandi (2003?), as palavras são pequenos caminhões, e suas caçambas estão lotadas de **cultura e ideologia**. Ainda para Orlandi (2003, apud VAIANO, 2016), o qual explica que “Há uma grande **América** na cabeça dos americanos que eles querem ver realizada”. De acordo com a teórica da AD, “Quem faz parte do partido X atribui o sentido X a uma palavra” e “Quem faz parte do partido Y vai atribuir outro

sentido à palavra, sem dúvida. Isso se chama formação discursiva, e é puramente ideológico.” No caso dos americanos, há uma polarização muito grande entre dois partidos, o Republicano e o Democrata, partidos que citaremos na análise do próximo excerto.

Considerando que é na língua que o discurso se materializa (MITTMANN, 2003), sendo por meio da leitura que os sentidos são formados, podemos observar que o discurso nacionalista de Trump não foi mantido pelo tradutor nesse excerto. A escolha do tradutor de se referir ao país como Estados Unidos e não como América indica a domesticação do texto, uma vez que o adequa a maneira com que nós brasileiros nos referimos àquele país.

Domesticação, de acordo com Venuti (2002), é a facilitação da leitura, ou seja, a eliminação de elementos culturais que possam dificultar o entendimento do leitor. Este processo está ligado à redução do texto estrangeiro em detrimento dos valores culturais da língua-alvo.

Pode-se verificar também, no TP, que Trump se dirige diretamente à população, ao usara frase ***Have to get together***, a qual está no modo imperativo e indica a ideia de que o povo norte-americano tem que se unir. Nesse trecho, Trump se refere à divisão que ocorreu entre democratas e republicanos durante as eleições e chama o povo norte-americano para a união. Tanto o uso de imperativo, quanto a omissão do sujeito ***we*** e o uso de verbo frasal, ***get together***, indicam uma informalidade própria do discurso oral, aproximando o Presidente do seu povo. O verbo ***have*** significa: *used to show that you must do something*, ou seja, costuma ser usado para mostrar que você deve fazer algo. Já o verbo frasal ***get together***, segundo o dicionário online Longman significa: *to bring people together to make a group* (fazer com que pessoas fiquem juntas para que um grupo seja formado) ou em português: encontrar-se, juntar-se ou reunir-se.

Já no TC, o tradutor optou por utilizar uma estrutura paralela, trazendo na tradução “é hora de... curarem... de promover a união”. Podemos observar que a sentença em português está mais adequada ao texto escrito e não a oralidade, deixando o estilo da tradução mais formal. Além disso, a força das palavras e do modo com que Trump fala com o povo é amenizada, interferindo na recepção da mensagem e diminuindo o seu efeito.

Segundo ALVES; MAGALHÃES; PAGANO (2000, apud FOWLER E KRESS et al., 1985, p. 10), “[...] há significados sociais numa língua que podem ser reconhecidos precisamente por meio da sua estrutura lexical e sintática e que são articulados quando escrevemos ou falamos”. Usando conceitos da gramática funcional, eles distinguem como **gramática da modalidade** as construções linguísticas que podem ser denominadas pragmáticas ou interpessoais. Essas construções expressam as atitudes dos falantes ou escritores em relação a si mesmos, aos seus interlocutores e ao assunto tratado; suas relações sociais e econômicas com as pessoas a que se dirigem e as ações que são desenvolvidas via linguagem (ordem, acusação, promessa,

pedido).

No excerto 05, Trump continua convocando o povo americano à união.

TP	To all Republicans and Democrats and independents across this nation, I say it is time for us to come together as one united people.
TC	A todos os republicanos e democratas e independentes de todo o país , digo que é hora de nos unirmos como um só povo.

Quadro 5- Excerto 05

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Trump inicia sua fala se referindo aos Republicanos, Democratas e independentes ***all Republicans and Democrats and independents***, ou seja, falando diretamente com seus apoiadores e com os grupos que haviam se distanciado durante a campanha presidencial. Neste discurso, em específico, Trump tenta unir os grupos que haviam se distanciado devido às inúmeras divergências ideológicas e políticas existentes entre Republicanos e Democratas (DEMOCRAT, 2018?).

Em relação às divergências ideológicas entre os partidos norte-americanos, sabemos que os republicanos sempre foram a favor de redução nos impostos e nos gastos do governo e que para eles o setor privado seria o motor da economia. Já os democratas, que consideram importante um Estado ativo no processo econômico, defendem mais contribuições da população e também o aumento dos investimentos governamentais. No que se refere em específico à eleição do Presidente republicano Donald Trump, essa divisão se tornou ainda mais evidente com as ideias defendidas pelo então candidato republicano. Entre as propostas mais impactantes, podemos citar uma na área da educação, segundo a qual as escolas deveriam deixar de serem “zonas livres de armas”. Trump acredita que escolas sem armas são “iscas” para que ataques de pessoas com problemas mentais, aconteçam. Outra proposta que merece atenção é a promessa de construção de um muro na fronteira com o México com financiamento do próprio México. Trump afirmou durante sua campanha que “uma nação sem fronteiras não é uma nação”.

No que se refere ao TP, Trump usa o substantivo *nation*, que significa “*a country, considered especially in relation to its people and its social or economic structure*”, seis vezes em seu discurso, enquanto o substantivo *country*, “*an area of land that is controlled by its own government, president, king or an area of land that is suitable for a particular activity, has particular features, or is connected with a particular person or people*”, é utilizado sete vezes. Como podemos observar pela definição dos termos, o substantivo nação faz referência ao povo enquanto que o substantivo país se refere ao território.

Já no TC, encontramos o substantivo país 11 vezes e o substantivo nação apenas uma vez. Ao optar pela palavra “país” nessa parte do texto em específico, o tradutor desconsidera a mensagem que Trump está tentando passar para seus ouvintes, dando

maior importância ao território americano do que ao povo americano. A continuação da fala de Trump *I say it is time for us to come together as one united people* indica que a escolha dele pelo termo **nation** está ligada a mensagem que quer passar. Ele está chamando o povo americano para que todos se unam em favor de uma nação mais forte. É possível avaliar, então, como inadequada a escolha do tradutor pela substituição do termo **nation**, mesmo porque há equivalente em língua portuguesa para esse termo.

Considerando a fala de Foucault (2004), analista do discurso que afirma que os termos presentes nos discursos são sempre determinados pelas forças de poder que controla a práxis humana, as quais na maior parte das vezes possuem uma atividade determinada para um resultado específico, ao trocar a ideia de nação por país, o tradutor interfere na mensagem do TP. Foucault (2004) explica que um falante discorre sobre as metas de seu partido, utilizando determinada ideologia e embasado em estratégias daquilo que segue, tentando convencer a população de que este é o melhor jeito do país crescer. A troca de nação por país pode refletir a tentativa de domesticar o texto. A domesticação tende a neutralizar aspectos culturais e, por isso, o tradutor deve considerar a intenção do TC antes de decidir por essa estratégia. Neste caso, por exemplo, o uso de domesticação acabou prejudicando a compreensão do público de chegada. Segundo Bassnett (1991 apud OLIVEIRA AGRAS KLONDY, 2007), a língua é o coração dentro do corpo da cultura; para a autora, o tradutor que trata o texto em isolamento da cultura coloca o seu texto em perigo.

No excerto 06, pode-se observar que no TC há a omissão de **backgrounds**.

TP	<i>It's a movement comprised of Americans from all races, religions, backgrounds and beliefs who want and expect our government to serve the people, and serve the people it will.</i>
TC	É um movimento formado por americanos de todas as raças, religiões e crenças, que desejam e esperam que o governo sirva ao povo, e é isso que o governo fará.

Quadro 6- Excerto 06

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em relação ao TP, Trump refere-se a um movimento formado por americanos de todas as raças, religiões, **históricos** e crenças *It's a movement comprised of Americans from all races, religions, **backgrounds** and beliefs*. No entanto, como podemos observar no TC, há a omissão do termo **backgrounds**, o qual, no TP, é carregado de significado, proporcionando um efeito maior no que se refere à oralidade do discurso de Trump. Essa força se perde uma vez que o termo é omitido no TC.

No que se refere ao TP, Trump utiliza em seu discurso oral, o substantivo **backgrounds** que significa *someone's family, education, previous work*, ou seja, tudo aquilo que está relacionado à família, educação e trabalho prévio e que as pessoas trazem consigo e que compõem suas histórias de vida. Ao inserir os históricos entre os outros aspectos que menciona (raças, religiões e crenças), Trump demonstra dar

importância as experiências de vida de cada um e querer trazer para perto todos os americanos, independente de suas experiências prévias.

Neste sentido, pode-se observar que a opção do tradutor pela omissão do termo **backgrounds** prejudica o efeito da fala de Trump. Faz-se necessário discutir que a tradução de tal termo é um tanto quanto desafiadora, já que na cultura de chegada não temos um equivalente que contemple todo o sentido do termo em língua inglesa. Entretanto, acreditamos que o uso da palavra histórico seria melhor do que a omissão do termo em língua portuguesa.

4 | CONCLUSÃO

Considerando a função do TP e a função do TC, temos que o discurso de posse de Donald Trump busca reagrupar uma nação que estava dividida após o processo eleitoral em questão e de persuadi-la a se reunir para apoiar Trump enquanto que a do TC era informar os leitores brasileiros quanto a esse conteúdo discursivo. Apesar da diferença entre as funções dos dois textos comparados, não acreditamos que fosse necessária nenhuma alteração de conteúdo, ou seja, acreditamos que as escolhas tradutórias prejudicaram a recepção do TC, interferindo no efeito do mesmo.

Quanto ao efeito do TC em relação ao efeito do TP, temos que as escolhas tradutórias realizadas pelo tradutor fizeram com que o discurso soasse mais ameno e com uma tonalidade não tão forte e impactante quanto àquela do discurso original. Além de omissões, a tradução apresenta alterações gramaticais e semânticas que não contemplam o conteúdo proposto no TP, o que pode interferir na receptividade do TC, alterando o efeito e a função do texto junto aos leitores brasileiros. A análise demonstrou, portanto, que a intenção do tradutor foi a de domesticar o conteúdo do TP, ou seja, trazê-lo para mais perto do público brasileiro.

REFERÊNCIAS

ADJETIVO. In: PASCHOAL DOMINGOS, Cegalla. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 159, 2010.

AMERICA. In: LONGMAN (LDOCE). **Dicionário online da Língua Inglesa**, 17 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.ldoceonline.com/about.html>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ADAM apud DE QUEIROZ, Maria Eliete. **Discurso político de renúncia: uma análise textual**. Rev. de Letras - n. 34, 2 v. p. 66. jul./dez. 2015. Disponível em: <<file:///D:/DIGITAL/Downloads/3039-5668-1-SM.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2017.

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com Autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 4. ed. Minas Gerais: Contexto, 2003.

BACKGROUNDS. In: CAMBRIDGE, UNIVERSITY PRESS. **Dicionário online da Língua Inglesa da Cambridge University Press**, 2018. Disponível em <<https://www.ldoceonline.com/dictionary/>>

background >. Acesso em 18 de abr. 2018.

BAKHTIN apud RIBEIRO DA COSTA, Adriano. **Gêneros e tipos textuais: afinal de contas, do que se trata?** 6 v. jan./jun. 2011. Revista Prolíngua, Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/viewFile/13551/7704>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

BAKER apud ELOINA SCHERER, Amanda; CALLEGARO CORRÊA KADER, Carla. **Os aspectos linguísticos da tradução à luz dos pressupostos teóricos de Roman Jakobson versus a vertente da tradução da linguística de corpus.** 12 v. jan./jun. 2012. Entretextos, Londrina, Paraná. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/8952/11600>>. Acesso em: 04 fev. de 2017.

BASSNETT, Suzan apud DE OLIVEIRA AGRAKLONDY, Lúcia. **A integração da língua e da cultura no processo de Tradução.** 2007. p.3. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf>>. Acesso em: 28 de fev. 2018.

DEMOCRAT.In: DIFFEN. Disponível em: <https://www.diffen.com/difference/Democrat_vs_Republican>. Acesso em: 28 mar. 2018.

FIORIN, José Luiz. **Tendências da Análise do Discurso.** 1990. 7 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, USP, Campinas, 1990.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso.** 2005. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FUTSCHER PEREIRA, Bernardo. **A paixão nacionalista americana.** Nova York: Oxford University Press, 2004, p. 171. Disponível em: <http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/r7/R107_14Recensao01.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2018.

HAVE. **Oxford, universitypress,** 2015. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/have-to>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

I MEAN. In: CAMBRIDGE, UNIVERSITY PRESS. **Dicionário online da Língua Inglesa da Cambridge University Press,** 2018. Disponível em <<https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/i-mean?q=i+mean>>. Acesso em 16 de fev. 2018.

LEFEVERE, André. **Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária.** 1992. 2. ed. Bauru: Edusc, 2007.

MARQUES DE MELO, José apud SEIXAS, L. **Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos.** Galaxia, São Paulo, Online. n. 25, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a14.pdf>>. Acesso em: 25 de jul. 2017.

MICHEL, Foucault apud MARIA WALESKO PIOVESAN, Ângela. **A tradução e o sujeito sob uma perspectiva discursiva.** 2004. 2 v. p.11. Revista X. Curso de Letras: Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/9.5%20analise_de_discurso_linguagem_angela_piovesan.pdf>. Acesso em: 13 de maio 2017.

NORD, C. apud LEAL, Alice. **Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos.** 2006. 9 v. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text analysis.** 2. ed. Amsterdam – New York, NY, 2005.

GET TOGETHER. Mairo Vergara Idiomas, 2015. Disponível em: <<http://www.mairovergara.com/get-together-phrasal-verb-significado/>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

ROOSEVELT, Theodore apud LUCKAS, John. Nova República, Uma: história dos Estados Unidos no século XX. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zNoALKFc6XwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_vpt_reviews#v=onepage&q=lucas&f=false>. Acesso em: 06 fev. 2018.

ORLANDI, Eni apud MITTMAN, Solange. **A tradução e o sujeito sob uma perspectiva discursiva**. Ed. da PUC, Rio. 2003. p. 75. Tese. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21577/21577_4.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2017.

ORLANDI, Eni apud MARIA WALESKO PIOVESAN, Ângela. **A análise do discurso e questões sobre a linguagem**. 2003. 2 v. p. Revista X. Curso de Letras: Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/revistax/article/viewFile/5424/5222>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

VAIANO, B. **Pedimos a uma linguista para analisar o discurso de Donald Trump**. Revista Galileu. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/pedimos-uma-linguista-para-analisar-o-discurso-de-donald-trump.html>>. Acesso em: 20 de fev. 2018.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrinet ali. Bauru: EDUSC, [1998] 2002. p. 129-167. Acesso em: 14 out. 2017.

VOCATIVO. In: PASCHOAL DOMINGOS, Cegalla. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p.366, 2010.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-100-8

